

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Gabriel Salgado Ribeiro de Sá

**O DECLÍNIO HEGEMÔNICO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: EXAMINANDO O PROCESSO
DE CRISE E A PERSPECTIVA BÉLICA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Júlio César Gabrich Ambrozio

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Gabriel Salgado Ribeiro de Sá**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201373269A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O DECLÍNIO HEGEMÔNICO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: EXAMINANDO O PROCESSO DE CRISE E A PERSPECTIVA BÉLICA**, desenvolvido durante o período de 01/08/2016 a 03/02/2017 sob a orientação de PROF. JÚLIO CESAR GABRICH AMBROZIO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 03 de fevereiro de 2017

Gabriel Salgado Ribeiro de Sá

O DECLÍNIO HEGEMÔNICO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: EXAMINANDO O PROCESSO DE CRISE E A PERSPECTIVA BÉLICA

THE HEGEMONIC DECLINE OF THE UNITED STATES OF AMERICA: EXAMINING THE PROCESS OF CRISIS AND THE WARLIKE PERSPECTIVE

Gabriel Salgado Ribeiro de Sá¹

RESUMO

Este artigo pretende demonstrar a ideia da perda de hegemonia dos Estados Unidos da América a partir da década de 1970, através da teoria de Giovanni Arrighi (1937-2009). Inicialmente, apresenta-se uma análise que utiliza de exemplos extraídos do processo político e econômico da ascensão e decadência do modelo de hegemonias genovês, holandês e britânico, com a finalidade de se estabelecer um paralelo para o entendimento do declínio hegemônico dos Estados Unidos nos dias atuais. Procura-se apresentar uma perspectiva de interdependência econômica entre o ocidente e o oriente. Ademais, formula-se a hipótese de que a multipolaridade, surgida com a ascensão da China e da Rússia, possa limitar o papel global norte-americano. Pretende-se esclarecer a maneira como os Estados Unidos vêm contornando a multipolaridade mundial através de força militar bruta.

PALAVRAS-CHAVE: ciclos de acumulação; hegemonias; crises sistêmicas; conjunturas políticas e econômicas.

ABSTRACT

This article discusses the beginning of hegemonic loss of the United States of America in the 1970s, according to Giovanni Arrighi's (1937-2009) theory. As a starting point, we will show an analysis that utilises examples extracted from the political and economic ascension process and decadence of the Genoese, Dutch and British hegemonies to establish an paralel to understand the United States hegemonic crisis of today. It will be stated a perspective of economic interdependence between the west and the east. Additionally it will be presented a hypothesis of the new multipolarity emerged after the China and Russia ascension, which limits the global role of the north-americans. Furthermore, it will be clarified the way the United States are turning-around the world multipolarity using brutal military force.

KEYWORDS: systemic cycles of accumulation; hegemonys; systemic crises; political and economic conjuctures

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho exporemos a ideia da perda da hegemonia ocidental a partir da década de 1970. Com a utilização da teoria de Giovanni Arrighi (1937-2009) iremos analisar através de exemplos político-econômicos genovês, holandês e britânico a ascensão e decadência de hegemonias e através deles poderemos estabelecer um paralelo para o entendimento do processo de escalada e de um iminente declínio hegemônico dos Estados Unidos nos dias atuais.

A pertinência do tema de declínio e também de transições hegemônicas recebeu uma atenção especial do meio acadêmico em virtude da crise financeira anterior a 2008 e das recentes intervenções militares feitos pelos EUA no Oriente Médio. Essas intervenções são, inclusive, exemplificações do caos sistêmico seguindo a perspectiva arrighiana.

Iremos, ainda, investigar o processo de emigração do capital do ocidente para o leste asiático, em contraposição com a permanência do poder militar nas mãos ocidentais, bem como o conjunto dos papéis dos novos protagonistas da ordem mundial contemporânea. Também será considerada a hipótese de um mundo multipolar (com Estados Unidos da América, Rússia e China).

Ademais será levada em conta a hipótese de que a interdependência dos dois países com maior relevância política e econômica na contemporaneidade (Estados Unidos da América e China), é um fator limitante para as ações políticas e militares de ambos.

Em síntese, o objetivo deste trabalho é investigar a possibilidade de uma reorganização do sistema capitalista global e os benefícios na organização estatal dos novos e antigos atores do sistema-mundo.

É discutível a possibilidade de estarmos em uma transição hegemônica ou se o Hegemon Americano está

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail gabrielsalgado4@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel, sob orientação do Prof. Júlio César Gabrich Ambrozio.

retomando sua força, mas, é inegável que o capitalismo está atravessando um momento decisivo e especial, e é importante ressaltar que, nas épocas de crise deste modo de produção, há uma reestruturação ou uma reorganização do mesmo para atender às novas demandas.

É imprescindível, portanto, entender a dinâmica de acumulação capitalista para se compreender o mundo e seus paradigmas contemporâneos. Através dessas premissas, pretendemos chegar a um entendimento sobre o caminhar da realidade política, militar e econômica atual

2.1. APRESENTANDO OS CICLOS GEO-HISTÓRICOS

Com objetivo de analisar a realidade atual, é pertinente estudar os primeiros ciclos de acumulação, os quais têm grande significância para o desenvolvimento da tese de Arrighi, visto que eles representam uma narrativa histórica que se repete ao longo da história e ainda são reproduzidos, sob alguns aspectos, na fase atual do capitalismo de expansão financeira e das respectivas reestruturações. Além disso, com a ótica de recorrência histórica, podemos observar as anomalias ou diferenças no atual ciclo de acumulação americano e as diferentes perspectivas, a despeito de um possível rompimento com o paralelo histórico ou até mesmo uma superação deste ciclo.

O primeiro ciclo de acumulação é o genovês, que é marcado por uma época de revolução no aparato tecnológico (científico), monetário (expansão comercial e marítima) e cultural (período renascentista), bem como *a posteriori*, com uma dinâmica de pressões competitivas e também de luta ao poder.

Durante este primeiro ciclo sistêmico, há de ressaltar que, na fase inicial, houve expansão material, que foi promovida de forma dicotômica, de um lado, pela aristocracia ibérica e, de outro, pela burguesia capitalista de Gênova, e comercial com equilíbrio competitivo e excedente monetário, característico do período de expansão, o qual foi utilizado na gestão estatal e também na guerra: “O capital excedente, que já não encontrava investimentos lucrativos, no comércio, foi mantido em estado de liquidez e usado para financiar a crescente dívida pública das cidades Estados”, conforme (ARRIGHI, 1996, p. 112).

Ao final, houve uma forte concorrência entre as cidades-estados (Milão, Florença e Veneza), resultando em conflitos sangrentos entre as mesmas, por um período de cerca de 100 anos. Este período de guerra foi, em suma, a crise sinalizadora do ciclo, no qual Gênova desempenhou o papel principal, contudo, essa cidade não conseguiu evitar sua iminente decadência, e a posterior ascensão holandesa necessária e inevitável.

As guerras italianas de 100 anos, em conjunto com a anglo-francesa, promoveram um desequilíbrio na economia europeia, especialmente, no mercado de grãos cuja demanda aumentou substancialmente no período. A Holanda, devido a inúmeros fatores como sua localização estratégica e sua significativa tradição de comércio a granel, pode explorar de forma singular essa conjuntura político-econômica. Sobre essa nova realidade, Arrighi expõe:

Intervindo nesta área e estabelecendo um rígido controle sobre a transferência de suprimentos do Báltico pelo Oresund, os holandeses passaram a ocupar, no decorrer do século XVI, o que se transformou no mercado mais estratégico da economia mundial europeia, tornando-se com isso os beneficiados de um fluxo volumoso e regular de excedentes monetários, que eles aumentaram ainda mais ao impor um arrocho fiscal invertido à Espanha Imperial, segundo (ARRIGHI, apud SPAREMBERGER, 2014, p. 22)

O ciclo de acumulação holandês foi marcado também, como o anterior, por um fluxo monetário-financeiro estratégico global por Amsterdã (que agora se tornara o centro capitalista global). O excedente monetário holandês foi utilizado e investido principalmente em bens geradores de renda (em especial no desenvolvimento agrícola) o que aumentou significativamente o próprio lucro. Este lucro propiciou a ascensão de diversos tipos de mercantilismo que foram importantes para o seu próprio declínio, visto que se tornaram extremamente competitivos que levaram a uma imersão histórica global em conflitos territoriais que configuraram “como Caos Sistêmico”, dentre eles destacaram-se as guerras napoleônicas e o conflito anglo-francês. Sobre este conflito, Arrighi afirma:

O renascimento territorialista que em roupagem mercantilista, espalhava-se pela Europa, acabou apanhando os holandeses, os quais, sob a pressão dos interesses territorialistas em seu próprio meio, [...] foram arrastados para os combates, com consequências desastrosas. Assim, na guerra que decorreu da rebelião norte-americana, os holandeses marcharam com a França contra a Grã-Bretanha. Como a França, porém, as províncias unidas nada ganharam com a derrota britânica. Ao contrário, os britânicos retaliaram violentamente e, no

decorrer da quarta guerra Anglo-Holandesa (1781-84), aniquilaram o que restava do poderio naval holandês, ocuparam o Ceilão, controlado pelos holandeses, e ganharam acesso as ilhas Molucas. (ARRIGHI apud SPAREMBEGER 2014, p.23).

Essa derrota irá apressar a mudança do centro capitalista mundial que se situava na Holanda e que agora emerge em Londres, marcando o final e exímio declínio hegemônico holandês e a ascensão britânica.

No caso britânico, as duas revoluções industriais são aspectos marcantes do período, assim como, o seu poderio marítimo e sua produção agrícola. As revoluções tecnológicas (como a máquina a vapor e a eletricidade) são fatores importantes a serem levantados. Sob a perspectiva arrighiana, a Inglaterra segue o mesmo rumo que as cidades italianas e o Estado Holandês, através de um processo de gastos públicos e de significativa expansão da indústria de bens de capital (principalmente a siderúrgica e a têxtil) que, por um período de tempo, irá fomentar uma expansão material e monetária da mesma ao redor do globo.

Após esse período de expansão, é iniciado o processo de declínio sistêmico. A ascensão alemã/americana irá afetar economicamente e de maneira significativa a “Pax Britânica”, devido às suas industrializações tardias, extremamente efetivas. Estas irão acirrar no âmbito internacional a competição de preços entre produtos, bem como no âmbito interno da potência hegemônica principal e das potências aspirantes.

Durante os anos de 1873 a 1950, há um período de transição entre o Reino Unido e os Estados Unidos², que é marcada por guerras mundiais e a grande depressão que, segundo Arrighi, “Nada mais foi que um período prolongado de violenta competição de preços” (ARRIGHI, 1996, p.167).

Contudo, o declínio britânico não foi somente a grande depressão e a redução da expansão financeira característica da “belle époque” (1871-1914), mas uma redução da supremacia industrial e imperial, motivadas pelo imperialismo, e do mercantilismo promulgado por outros governos europeus. “A industrialização da guerra” tornou patente o enfraquecimento da hegemonia mundial inglesa” (ARRIGHI, HUI, RAY, REIFER, apud COSTA, 2005, p.65).

Além disso, o terceiro ciclo sistêmico britânico foi marcado por uma doutrina de livre mercado fomentada pela teoria e Adam Smith³ que terá uma singela contribuição para a ascensão e o declínio britânico, assim como o neoliberalismo está sendo nos tempos modernos para os Estados Unidos (o que será exposto posteriormente neste artigo).

2.2 O CONCEITO DE CICLOS ARRIGHIANOS GEOHISTÓRICOS.

A perspectiva do Ciclo Hegemônico de Arrighi é derivada da observação de Fernand Braudel (1902-1985) de que:

A maturidade de todos os grandes desenvolvimentos da economia capitalista mundial é anunciada por uma guinada peculiar do comércio de mercadorias para o comércio de moedas. Braudel fez essa observação tratando da virada holandesa, ocorrida por volta de 1740, que ele comparou à virada britânica do fim do século XIX e às duas guinadas genovesas, uma no século XV e outra no XVI (ARRIGHI, 1996, P.111).

A citação transcrita sugere que a teoria de Arrighi, em outras palavras, parte do princípio de Braudel de que todas as grandes expansões comerciais do capitalismo mundial anunciam sua maturidade no momento em que chegam à sua expansão financeira, conforme o próprio (ARRIGHI, 1996, p.6). Este mecanismo de transferência de capital material expansivo para financeiro pode ser visto ao longo da história tal como abaixo mencionou Braudel:

² A posição geográfica-econômica no cenário global será um fator crucial para essa transição: tamanho territorial, população, posição insular e principalmente sua estrutura produtiva intacta nas guerras mundiais.

³ Segundo Sparemberger(2014,p.25): “ A Inglaterra introduziu o conceito do livre comércio embasado nas fundamentações teóricas de Adam Smith, no qual o mercado se autorregula pelo meio de uma “mão invisível”. Este postulado teórico fez com que a Inglaterra configurasse sua hegemonia em um sistema imperialista de livre comércio. Esta prática de liberalismo econômico inglês adicionado à mecanização industrial difundiu-se pelo Sistema Internacional e foi adotada como referência para o ideal de hegemonia britânica”

Ao discutir a retirada dos holandeses do comércio em meados do século XVIII, para se transformarem nos “banqueiros da Europa”, Braudel sugere que essa retirada é uma tendência sistêmica recorrente em âmbito mundial. Antes, a mesma tendência se evidenciara na Itália do século XV, quando a oligarquia capitalista genovesa passou das mercadorias para a atividade bancária, e na segunda metade do século XVI, quando os nobili vecchi genoveses, fornecedores oficiais de empréstimos ao rei da Espanha retiraram-se gradualmente do comércio. Seguindo os holandeses, essa tendência foi reproduzida pelos ingleses no fim do século XIX e no início do século XX, quando o fim da “fantástica aventura da revolução industrial” criou um excesso de capital monetário [...]. O capital dos Estados Unidos tomou um rumo semelhante nas décadas de 1970 e 1980 (BRAUDEL, apud ARRIGHI, 1996, p.5).

Além disso, é importante ressaltar que Arrighi, ao expor seu trabalho, inspira-se na fórmula de Marx D-M-D que pode fielmente retratar, muitas vezes, a lógica dos investimentos capitalistas globais. Ele retrata um processo onde há alternância de dois tipos de expansão: A dinheiro/mercadoria (DM) com a mercadoria/dinheiro (MD) que compõe um ciclo sistêmico de acumulação. Este se inicia como um período de expansão da produção de mercadorias e também de investimentos produtivos que apesar de promover um crescimento significativo na área econômica é um processo temporário por conta das pressões competitivas⁴.

Essas pressões vão acarretar uma queda dos investimentos e, em paralelo, irá ocorrer um aumento do capital-dinheiro, o que conduzirá, intrinsecamente, ao início da segunda fase do ciclo sistêmico de acumulação marcada pela expansão financeira. Segundo Arrighi há uma alternância das épocas de expansão material (que seriam as fases de acumulação de capital) com as fases de expansão financeira:

Nas fases de expansão material, o capital monetário coloca em movimento uma massa crescente de produtos (que inclui a força de trabalho e as dívidas da natureza, tudo transformado em mercadoria). Nas fases de expansão financeira, uma massa crescente de capital monetário liberta-se de sua forma de mercadoria e a acumulação prossegue através de acordos financeiros (como na fórmula abreviada de Marx, DD'). Juntas, essas duas épocas ou fases constituem um completo ciclo sistêmico de acumulação (DMD'). (ARRIGHI, 1996, p.6).

Na segunda fase do Ciclo Sistêmico de acumulação, é importante ressaltar a ligação entre o Estado e a esfera financeira, no qual, segundo Brussi:

O estreitamento desses vínculos políticos e econômicos (pressões competitivas e lutas pelo poder) promove a ascensão dos interesses da alta finança nos negócios do estado a ponto de efetivamente serem capazes de controlá-lo. Com o poder político controlado pelos interesses financeiro/especulativos, ocorre um surto nos negócios ancorado fundamentalmente na especulação financeira que se ocupará de promover soluções lucrativas para a massa de capital de outra forma ocioso (BRUSSI, 2011, p.387).

A fase de expansão financeira é, além disso, uma fase que sinaliza uma crise de hegemonia. Tal crise é derivada sumamente do enfraquecimento das estruturas que sustentam o poder e da ascensão de outros polos de poder. O ciclo de transições hegemônicas prescreve três momentos: 1 - ascensão; 2 - plena expansão; 3 – declínio. Este pensamento é exemplificado claramente com a observação histórica das mudanças de posições da liderança do sistema mundial.

⁴ Segundo BRUSSI (2011,P.386) essas pressões são: “ resultado das dificuldades de realização da produção considerando a escala produtiva existente (restrições da oferta ou da demanda)”

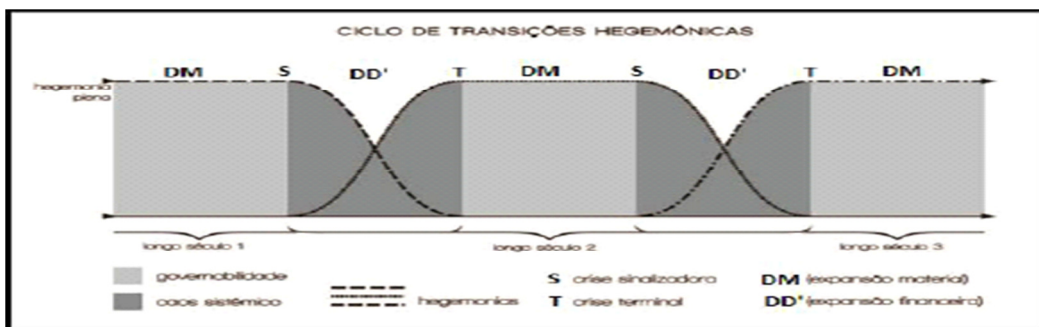


Figura.1 Fonte:Hendler,2012,p.34

Além desses conceitos, Arrighi demonstra sua trajetória de pensamento com a análise de um conceito importante de hegemonia formulado por Antonio Gramsci (1891-1937) que, por sua vez, foi derivado de uma ideia de Maquiavel⁵.

As duas correntes identificadas em seus estudos da sociedade capitalista mesclam-se com as fases de um grande período de hegemonia. A primeira corrente que transcreve é a expansão de material. Os agentes empresariais e governamentais passam para a economia-mundo. Após o fim do caos sistêmico, inovações organizacionais e tecnológicas impulsionam, então, todo o resto da economia (agregando, entretanto, mais valor no núcleo das atividades econômicas).

Apesar disso, este modelo de acumulação atingirá certamente sua máxima eficiência e sofrerá da condição inerente ao capitalismo. Haverá, então, uma tamanha acumulação de capital, seguida da queda taxa de lucros. Essa começará a cair e, conforme este caminho, a "economia virtual" se tornará mais lucrativa que real, gerando então uma expansão financeira que significará o declínio do longo século (isto é exemplificado com os casos holandês e britânico). Este processo geralmente ocorre com uma crise de hiperacumulação, quando o capital e o crédito se tornam muito baratos.

O segundo fenômeno, característico do caos sistêmico, é a acumulação crescente de capital longe da esfera de ação da hegemonia. Neste momento, as estruturas começam a desestabilizar o antigo regime por meio da concorrência econômica que começa a surgir.

O poder coercitivo é também de suma importância para o Estado que exerce o papel de hegemonia global. Quando o poder ideológico começa a decair, o que é visto através dos olhos da história, esse Estado utiliza a força bruta para compensar as desvantagens econômicas e reveses políticos.

Para Arrighi um elemento decisivo ocorre nos ciclos hegemônicos (momento onde existe a substituição de uma hegemonia por outra) e é chamada de "guerra de 30 anos", neste momento, uma figura que aspira ao status de hegemonia global entra em conflito militar com a hegemonia que está em declínio. Esse momento de transição é claramente visto em diversas vezes na história e marca o clímax do caos sistêmico.

3. ESTADOS UNIDOS E NOVOS POLOS DE PODER.

Segundo ARRIGHI, todas as ordens mundiais nasceram de um caos sistêmico e o último ciclo (Americano) não foi diferente. O pós-guerra foi marcado por um estado de desorganização inexorável e, de fato, houve uma demanda para a ordem global. Os Estados Unidos percebendo essa constatação conduziram e atenderam esta demanda, e ainda:

Depois da Segunda Guerra Mundial, concedeu-se a todos os povos, "ocidentais ou " não ocidentais", o direito a autodeterminação, ou seja, a se constituírem em comunidades nacionais, e uma vez constituídos, a serem aceitos como membros plenos do sistema interestatal. Nesse aspecto, a " descolonização" e a formação da organização das Nações

⁵ Segundo Gramsci, o poder hegemônico vem da classe dominante que utiliza as ideias de consenso e coerção (derivadas, por sua vez, do poder bicéfalo de Maquiavel). Para o exercício da hegemonia, é necessário que a elite dominante do capital tenha o papel principal na produção econômica. No sistema atual há claramente uma oscilação entre duas tendências: caos e governabilidade. Segundo Arrighi, a governabilidade é derivada da capacidade de um poder hegemônico em manter a paz e a estabilidade. Quando ambos entram em crise, outros elementos do sistema geopolítico tentam então, através da competição empresarial e estatal, preencher o espaço que foi deixado pela hegemonia.

Unidas, cuja assembleia geral reuniu todas às nações em pé de igualdade, foram os correlatos mais significativos da hegemonia norte-americana [...]. Assim como a ideologia liberal da hegemonia britânica havia elevado a busca da riqueza pelos súditos proprietários acima dos direitos absolutos de governo dos governantes, a ideologia norte-americana elevou o bem-estar de todos os cidadãos (o "consumo de massa" em alto grau) acima dos direitos absolutos de propriedade e dos direitos absolutos de governo. (ARRIGHI,1997, p.66,67).

Além do fator ideológico, outros fatores cruciais irão contribuir para a ascensão e legitimação da hegemonia norte-americana:

Em Bretton Woods, estabeleceram-se as bases de um novo sistema monetário; em Hiroshima e Nagasaki, novos recursos de violência demonstraram os alicerces militares da nova ordem; em San Francisco, novas regras e normas para legitimar a condução do Estado e da guerra foram explicitadas na carta da Organização das Nações Unidas (ARRIGHI, HUI, RAY, REIFER, Apud COSTA, 2005, p.60).

Talvez mais importante que a própria bomba atômica e a criação da ONU (Organização das Nações Unidas), Bretton Woods⁶ significaria a regulamentação pública das altas finanças e também seria responsável pela migração de capital de Londres para Washington.

No entanto, este deslocamento do capital monetário não conseguiu ser suficiente para conduzir a economia mundial e uma superação do caos criado pela segunda guerra mundial. A solução para essa incógnita seria a "invenção da guerra fria" por Truman que permitiria o capital excedente americano se libertar da sua esfera nacional e ir ao encontro do mundo em geral e isso promoveu a época de ouro do capitalismo, nas décadas de 1950 e 1960 (ARRIGHI, HUI, RAY, REIFER, Apud COSTA, 2005, P.62) quando houve uma expansão material da economia mundial capitalista que segundo Arrighi foi:

Um período durante o qual o capital excedente foi reinvestido no comércio e na produção de mercadorias, em escala suficientemente maciça para criar as condições de uma cooperação e uma divisão do trabalho renovada, dentro e entre as distintas organizações governamentais e empresariais da economia mundial capitalista (ARRIGHI, 1996, p. 308).

Essa expansão econômica teve um fim e, assim como os exemplos históricos das hegemonias holandesas e da Grã-Bretanha, os Estados Unidos tiveram de enfrentar uma crise hegemônica a partir da década de 1970. Então, depois da consolidação da hegemonia americana no pós-guerra, são vistos os primeiros sinais do declínio do Império Norte-Americano, ou o retorno ao caos sistêmico. Ainda sobre essa expansão:

Assim como as anteriores, a expansão material das décadas de 1950 e 1960 resultou, desta maneira, uma grande intensificação das pressões competitivas sobre as organizações empresariais e governamentais da economia mundial capitalista, e uma retirada maciça do capital monetário do comércio e da produção para as finanças. (ARRIGHI, apud COSTA, 2005, p. 63).

Mais tarde, foi estabelecido um processo realocação de capital onde ele emigra dos países ocidentais para países do leste asiático e, nas décadas seguintes, parece que tal processo foi acentuado. Este, segundo Giovanni Arrighi, está estreitamente associado às mudanças na organização dos processos de produção e de troca. A expansão financeira que se seguiu é "o sinal mais claro de que estamos em meio a uma crise hegemônica" (ARRIGHI e SILVER, 2001, apud COSTA, 2005, p. 63).

Com o novo modelo econômico baseado no liberalismo econômico, o ouro é deixado de lado como base material dos valores monetários e ocorre à instituição do dólar como moeda global. O mundo, cada vez mais, usa o sistema financeiro para cumprir suas transações. O "American way of life" irá desempenhar um papel crucial na nova ordem mundial, trabalhando lado a lado com a globalização influenciando e decaindo culturas que cada vez mais, absorvem os costumes norte-americanos.

⁶ Na conferência de Bretton Woods foi estabelecido a criação do FMI (Fundo Monetário Internacional). O principal objetivo norte americano era estabelecer um mecanismo que garantisse estabilidade financeira no pós-guerra.

Começou, então, um processo de reestruturação do capitalismo, no qual há cada vez mais desregulamentação e abertura comercial das economias, mais competição entre as empresas, o que levou com o tempo à realocação das forças produtivas, em especial, na Ásia. A década de 1970 permitiu “Uma intensificação das rivalidades entre as grandes potências, pelo surgimento de novas configurações de poder nas margens do estado hegemônico em declínio, por um crescente conflito social; e por uma expansão financeira sistêmica centrada no estado hegemônico em declino”, no entendimento de. (ARRIGHI, HUI, RAY, REIFER, apud COSTA, 2005, p.63).

O processo de cada vez mais desregulamentação e o predomínio do mercado financeiro na economia mundial foram responsáveis pela instabilidade crônica da economia global.

Os Estados Unidos agora se tornaram ameaçados no campo de produção e reagem a este problema com sua hegemonia no campo financeiro. Para isso, entretanto, foi necessário a abertura dos mercados em geral ao comércio internacional e também envolveu a burguesia que agora tinha interesse nas intuições de capital financeiro. É de se notar que até mesmo o Estado Nacional se tornou refém do mercado e da influência financeira através do endividamento crônico do mesmo.

Por volta de 1980, à hegemonia americana começava a mostrar sinais de declínio e, além disso, com o notável poder que o capital financeiro agora apresentava, as lutas de classes se acentuaram:

As Lutas de classes começaram a se concentrar ao redor de questões como os ajustes estruturais impostos pelo FMI, as atividades predatórias do capital financeiro e a perda de direitos gerada pela privatização. O tom do anti-imperialismo começou a se deslocar-se para o antagonismo aos principais agentes da financeirização – com o FMI e o Banco Mundial apontados diretamente, segundo (HARVEY, 2005, p.61).

David Harvey ainda afirma que as crises de dívidas, em membros do FMI, foram usadas para reorganizar as relações sociais de produção de cada país e, de certo modo, favorecer a entrada de capital externo. O fim da sua aceleração econômica que foi evidente no começo de 2001 e o abandono das regras da OMC contra o protecionismo são provas dessa vulnerabilidade norte-americana. Entretanto, não só problemas econômicos são enfrentados, sua hegemonia e seu poder estão claramente sendo ameaçados e a raiz deste problema está, segundo o autor, em um emprego desequilibrado do capital financeiro como ferramenta de se afirmar hegemonicamente. Adiante, um importante pensamento é compartilhado: “Se a financeirização é um prelúdio provável a uma transferência do poder dominante de um hegemom a outro (como tem sido o caso ao longo da história), a virada norte-americana para a financeirização nos anos 1970 parece ter sido uma manobra peculiarmente autodestrutiva”, segundo (HARVEY, 2005, p. 65).

Portanto, o poder financeiro funcionou de maneira dicotômica, visto que os efeitos em sua estrutura industrial foram amplamente destrutivos. A indústria norte-americana começou um processo de realocação para países em desenvolvimento em especial, para a Ásia. Mas, é importante ressaltar que a crise monetária mundial norte-americana se desenvolveu de forma paralela com seus declínios militar e ideológico:

Militarmente, o exército norte-americano entrou em dificuldades cada vez mais sérias no Vietnã, financeiramente, o Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos verificou ser difícil e, depois, impossível preservar o modo de emitir e regular o dinheiro mundial estabelecido em Bretton Woods. E, ideologicamente, a cruzada anticomunista do governo norte-americano começou a perder legitimidade no país e no exterior. A crise teve deterioração rápida e, em 1973, o governo norte-americano havia recuado em todas as frentes. Durante o resto da década de 1970, as estratégias de poder norte-americanas passaram a se caracterizar por um desprezo básico pelas funções de governo mundial. Foi como se os grupos dominantes dentro dos Estados Unidos houvessem decidido que, já que o mundo não podia ser mais governado por eles, deveria ficar entregue o seu próprio governo. O resultado foi uma desestabilização ainda maior do que havia restado da ordem mundial do após-guerra e um declínio acentuado do poder norte-americano durante a revolução iraniana e a crise de reféns de 1980 (ARRIGHI, 1997, p.310).

Sob a administração Reagan este processo de declínio começará a se reverter. O governo norte-americano começa sistematicamente a competir nos mercados de finanças mundiais para o financiamento de uma escalada armamentista contra a URSS, enquanto no âmbito interno ele reduz a tributação do Estado. Essa política denominada de Keynesianismo militar desempenhará um papel crucial para a retomada do poder

hegemônico norte-americano e o fim do poderio soviético, mas trouxe um preço extremamente caro. Essa vitória grandiosa transformou os Estados Unidos na maior nação devedora do mundo, o que, mesmo com a política de dólar flexível, irá acarretar uma limitação ao seu poder militar e também de persuasão hegemônica. A guerra do golfo no início da década de 90 será uma demonstração de que os EUA não podiam “financiar uma guerra que terminou em poucos dias” (ARRIGHI e SILVER, ARRIGHI, HUI, RAY, REIFER, apud COSTA, 2005, p. 68).

O déficit comercial começa a ser um fator limitante para a hegemonia norte-americana, mas este deve ser observado com cuidado. Serrano afirma que o “dólar flexível” estabelecido e consolidado, nos anos oitenta e noventa, permite aos Estados Unidos:

[...] incorrer em déficits em balanço de pagamentos de qualquer monta e financia-los tranquilamente com ativos denominados em sua própria moeda. Além disso, a ausência de conversibilidade em ouro dá ao dólar e aos Estados Unidos a liberdade de variar em sua paridade em relação às moedas dos outros países conforme sua conveniência, através da movida das taxas de juros. E, nesse sentido, a ausência da conversibilidade em ouro elimina pura e simplesmente o problema da restrição externa para os Estados Unidos (SERRANO, 2002, p. 250).

Essa vantagem econômica será um fator crucial para a política e a máquina de guerra americana, visto que:

O sistema de taxas de câmbio flutuantes [...] eliminou qualquer necessidade de os estados Unidos controlarem seu déficit no balanço de pagamentos, qualquer que fosse sua fonte, pois tornou-se então possível libertar na circulação internacional quantidades ilimitadas de dólares não conversíveis. Portanto, mesmo continuando a depreciar o dólar, numa tentativa de recuperar a competitividade na produção de bens, os Estados Unidos deixaram de ser sobrecarregados pelo problema de gerar um superávit na conta corrente para financiar seu déficit na conta de capitais. (...) em termos práticos, o problema do ajuste do balanço de pagamentos simplesmente desapareceu (PARBONI apud ARRIGHI, 1996, p. 319).

As crises econômicas globais geralmente demonstram a evidência de uma possível transição hegemônica, como semelhante ao caso holandês para o britânico e o britânico para o americano.

Mas os sintomas contemporâneos de uma possível crise hegemônica dos Estados Unidos não são somente financeiros: Os eventos como os atentados de 11 de setembro de 2001, a guerra contra Iraque e a perda de legitimidade durante o período de George Bush, devido a sua perspectiva unilateral com relação às intervenções militares, também devem ser levados como exemplos dessa perda de poder. Ademais: “os Estados Unidos encontram-se hoje como uma superpotência solitária à qual falta credibilidade. É uma nação em declínio, imersa no caos global que não pode controlar (WALLERSTEIN, apud OLIVEIRA e FRANCO, 2016, p.10).

A perda de credibilidade permite e promulga uma nova etapa no sistema internacional, na qual antigos e novos protagonistas da geopolítica retomam uma nova perspectiva de desafio ao status quo americano:

[...] a crise expansiva do império americano está reacendendo a competição entre as nações e, em todos os lados, o que se observa é uma diminuição da capacidade de intervenção unilateral dos Estados Unidos, com o aumento dos graus de incerteza e de liberdade de ação das velhas e novas potências, em cada um dos “tabuleiros regionais” do sistema mundial (FIORI, apud COSTA, 2005, p.74).

A participação política e até militar, no Oriente Médio, da Rússia e da China exemplificam essa nova etapa global onde a perspectiva unipolar é substituída por uma visão de diversos elos que em suma, lutam para manter seus interesses pessoais. É importante ressaltar que, de certa forma, a colaboração entre Rússia e China, neste novo tabuleiro político mundial, é vista por estes dois países como um contrapeso à hegemonia norte-americana. Não querem o fim dos Estados Unidos, mas sim um reconhecimento de um mundo multipolar e o respeito do espaço oriental, em suas respectivas zonas de influência.

Fazendo uma análise da representatividade da Rússia nessa conjuntura, pontuamos que o papel russo na geopolítica global vem aumentando significativamente no mundo desde a queda da União Soviética. Com o fim da mesma a nova república russa estava enfraquecida:

Mesmo abrindo mão do sistema econômico e social socialista e de suas aspirações militares e estratégicas globais, a Rússia herda inevitavelmente o *status* de uma potência regional

com forte capacidade nuclear. Ao mesmo tempo, na Rússia e em algumas das antigas repúblicas soviéticas se encontram grandes reservas de petróleo, e as maiores reservas de gás natural do mundo, além da Rússia ser um importante supridor de energia de diversos países importantes da Europa (MAZAT e SERRANO, 2012, p.9).

A fragilidade do novo país não o isentou da sua importância econômica e política para o mundo globalizado. Mas, o otimismo da transição socialista para o mundo capitalista e a política do presidente Boris Léltsin de alinhamento ao ocidente, em especial aos Estados Unidos, acarretou em um enfraquecimento da mesma e uma diminuição do seu poder regional. Essa postura submissa de Léltsin, de submissão a quase todos as exigências do ocidente, permitiu os EUA aumentar sua zona de influência por meio de acordos militares às ex-repúblicas soviéticas. A nova Rússia de fato abandonou essa tradicional zona de influência que antes pertencera à URSS e os americanos de forma astuta articularam manobras para integrar países como a Polônia, Hungria e República Tcheca na OTAN.

Além desse objetivo de diminuição da esfera de influência russa por parte dos Estados Unidos, houve também um objetivo econômico: o impedimento dos russos da utilização de terminais petrolíferos da ex-URSS⁷.

A chegada de Putin ao poder irá marcar o renascimento de uma nova era, onde há uma reversão da influência norte-americana e um projeto de resgate a antiga influência soviética. Esse projeto é resultado da política agressiva norte-americana e seu projeto de isolamento e diminuição do poderio das potências regionais no pós-guerra fria. Ainda sobre a questão russa:

A nova estratégia de afirmação geopolítica, segundo as explicações “psicologizantes” presentes em boa parte da literatura ocidental sobre o tema, seria o resultado de um suposto “revanchismo” russo, alimentado pelas múltiplas humilhações enfrentadas pela Rússia durante os anos 90. Nesse tipo de análise, “os russos agem por orgulho ferido”. “Impulsivos, emocionalmente instáveis, e muitas vezes paranoicos, os russos atacam seus vizinhos numa tentativa de cauterizar as feridas da história recente e de reacender a chama perdida de sua antiga grandeza” (SHLEIFER & TREISMAN apud MAZAT e SERRANO, 2012, p.18).

Mesmo tendo resultados significativos, que não podemos menosprezar, as consequências das ações norte-americanas no pós-guerra fria trarão resultados graves mais tarde. As uniões nos anos 2000 entre China e Rússia são o resultado dessas políticas. Mas, o isolamento promulgado pelos americanos não é só político, mas também econômico, visto que há claramente uma tentativa de manter os controles sobre o acesso às reservas globais energéticas: “O ponto central não é primordialmente a garantia das rotas do abastecimento energético dos Estados Unidos, mas, sim, a manutenção da capacidade de vetar, se e quando necessário, o abastecimento dos outros países importantes, sejam estes “aliados” ou rivais (MAZAT e SERRANO, 2012, p.11).

A detenção das rotas do abastecimento energético permite, portanto, aos Estados Unidos um poder econômico determinante para sua manutenção de poder unipolar, visto a clara dependência do comércio mundial a esses recursos não renováveis. O petróleo, por exemplo, deve ser considerado um fator determinante para os interesses das potências no oriente médio. Em 2013, a China importou o correspondente a 6,12 b/d de petróleo, enquanto os Estados Unidos importaram 5,98 b/d (Folha, UOL). O controle deste recurso é decisivo:

A lógica econômica se vincula à sua condição de matéria-prima indispensável para o setor produtivo e para os serviços de todos os tipos. Sua exploração se sustenta em enormes investimentos, gerando recursos bilionários para o mercado de capitais, o que reforça ainda mais a inserção da indústria petrolífera em uma visão econômico-financeira liberal, cujo objetivo supremo é o lucro. Já a lógica estratégica tem a ver com o fato de que o petróleo é um recurso raro, não renovável, desigualmente distribuído pelo planeta e, sobretudo, essencial para sobrevivência, a segurança e o bem-estar de todos os Estados (FUSER, Cap.6. Sem outras indicações).

A ascensão chinesa cresce em paralelo com a dependência do petróleo, portanto a estratégia geopolítica norte-americana tem:

[...] por objetivo manter a posição de liderança dos Estados Unidos no sistema mundial e, ao

⁷ Essa política inviabilizaria as exportações russas de petróleo e a obrigaria a criação de novas, em território Russo.

mesmo tempo, combina bem com os interesses econômicos gerais do complexo industrial-militar (Hossein-Zadeh, 2007) e do setor financeiro, que são os que têm maior influência nas decisões do Estado americano, e explica em boa parte o militarismo e a agressividade da sua diplomacia (SERRANO e MAZAT, 2012, p.12).

Diante dessa perspectiva, há uma confluência do setor financeiro com o complexo industrial-militar, pois os investimentos em defesa favorecem todo o setor produtivo norte-americano (ou o que restou dele). Através da guerra, o controle do petróleo limita a ascensão de outros hegemons, portanto, é racional a política externa americana que visa o controle de regiões como o Oriente Médio.

Abaixo, podemos observar os gastos militares em defesa a partir de 1960, com detalhe para a ascensão de gastos militares entre 1980-1990 com a política de keynesianismo militar, promulgada por Reagan, que teve como principal objetivo afetar a União soviética. Podemos observar também os gastos a partir de 2001 com os atentados nas torres gêmeas (guerra ao terror) promovida por Bush e posteriormente a guerra contra o Iraque.

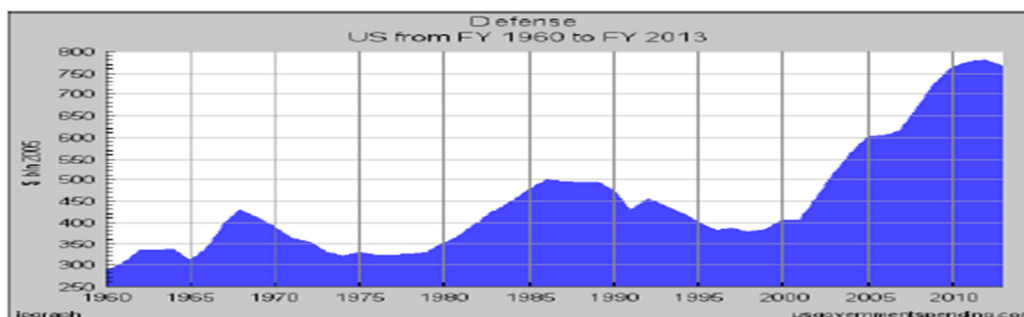


Gráfico 1. Fonte: Hendler, 2012, p.129.

O papel da guerra, além de aumentar a dívida pública e a dependência aos credores estrangeiros, irá também aumentar o preço do petróleo que segundo Hendler (2002): "saltou de US\$ 29 em 2001 para US\$ 97 em 2008, gerando indexação de preços dos setores mais vulneráveis a este recurso" (p.134). A instabilidade do Oriente Médio trouxe, portanto, mais de um preço amargo aos Estados Unidos.

A manutenção do controle do petróleo mascarada por uma política de "guerra ao terror" e paz mundial trouxe um preço severo à economia norte-americana, que mesmo com a política amenizante do dólar flexível, traz consequências graves, principalmente o endividamento crônico do Estado deixando-o mais vulnerável e dependente do capital financeiro estrangeiro. Abaixo, o gráfico da dívida pública (que sobe drasticamente conforme o aumento dos gastos militares).



Gráfico 2. Fonte: Hendler, 2012, p.132

Mesmo que a venda de títulos pelo tesouro americano forneça um breve suspiro à economia-americana, ela também o enfraquece e, nesse cenário, analisando os principais detentores dos títulos do tesouro americano, entre os anos 2000-2011, podemos perceber um claro aumento da participação dos investidores asiáticos.

Tabela 4. Principais detentores dos títulos do tesouro americano (em US\$ bilhões)

	China	Japão	Exp. Petróleo	Brasil	BC's do Caribe	Taiwan	Total estrangeiros	Dívida pública total
2000	60.3	317.7	47.7		37.4	33.4	1015.2	
2001	78.6	317.9	46.8		27.6	35.3	1040.1	
2002	118.4	378.1	49.6	12.7	50.3	37.4	1235.6	6405.7
2003	159.0	550.8	42.6	11.8	47.3	50.9	1523.1	6998.0
2004	222.9	689.9	62.1	15.2	51.1	67.9	1849.3	7596.1
2005	310.0	670.0	78.2	28.7	77.2	68.1	2033.9	8170.4
2006	396.9	622.9	110.2	52.1	72.3	59.4	2103.1	8680.2
2007	477.6	581.2	137.9	129.9	116.4	38.2	2353.2	9229.2
2008	727.4	626.0	186.2	127.0	197.9	71.8	3077.2	10699.8
2009	894.8	765.7	201.1	169.2	128.2	116.5	3685.1	12331.3
2010	1160.1	882.3	211.9	186.1	168.4	155.1	4435.6	14025.2
2011	1151.9	1058.0	258.3	226.9	226.0	177.3	4996.4	15222.8

Gráfico 3. Fonte: Hendler, 2012, p.142;

Além deste fator, é importante lembrar que os produtos chineses, principalmente os de médio e alto valor agregado, ganharam um espaço importante na vida dos norte-americanos. Mas, o endividamento do Estado norte-americano e a sua dependência ao capital financeiro estrangeiro assemelham-se [...] “à demanda dos holandeses por capital inglês para colaborar na luta contra a França na Guerra de Sucessão Espanhola e à busca da Inglaterra por recursos financeiros norte-americanos para combater a Alemanha na Primeira Guerra Mundial”, de acordo com (HENDLER, p.132).

Diante dessa perspectiva, podemos fazer uma comparação deste momento histórico-atual com a perspectiva histórica arrighiana. O Estado chinês vivencia um processo de expansão material enquanto os Estados Unidos mantêm uma aceleração do processo de expansão financeira. Sobre essa realidade Hendler afirma:

Na economia do *hegemon* (os EUA) há uma aceleração da expansão financeira sob a roupagem da “virtualização” dos lucros das empresas e do endividamento do Estado e das famílias; e na economia do emergente associado (a China) há um processo de expansão material que se não está tão fortemente ligado à reciclagem do capital “encalhado” na hegemonia, sem dúvida está vinculado à reciclagem do crédito nos EUA para garantir o consumo das exportações chinesas (HENDLER, 2002, p.144).

4- A QUESTÃO ECONÔMICA E A NOVA DINÂMICA GLOBAL.

O modelo chinês de desenvolvimento voltado às exportações mesmo que responsável pela promoção de um crescimento exorbitante econômico, nas últimas décadas, tem uma vulnerabilidade: o consumo norte-americano. Este consumo será um fator não só importante, mas necessário para o crescimento econômico chinês, o que irá acarretar uma dependência significativa e interesse entre ambos os países: De um lado, os americanos necessitam do financiamento dos investidores chineses para o funcionamento da máquina estatal e, de outro, os chineses que precisam do consumo norte-americano para continuar crescendo.

A ascensão chinesa caminha de forma interdependente com os americanos, mesmo se posicionando contra a política externa americana, voltada à tentativa de isolamento do gigante asiático: Diante dessa realidade, os investidores do leste asiático se tomam os principais credores da dívida pública americana que é visto pela elite política americana como algo preocupante, segundo Dorn:

In particular, Congress is worried that China could use its large holdings of U.S. government debt to gain political leverage by threatening to dump those securities if the U.S. threatens to enact protectionist measures against China or to intervene in relations between the mainland and Taiwan. Washington is also concerned that the increasing economic power of China will be used to edge out the United States as the dominant power in Asia⁸ (DORN, 2008, p.153).

⁸ “ Particularmente, o congresso está preocupado que a China pudesse usar sua vasta detenção de títulos da dívida pública americanos para conseguir influência política com ameaça de descarregar os mesmos caso o Estados Unidos a ameace com medidas protecionistas

Essa preocupação conflui com o pensamento de John Mearsheimer que levanta a hipótese de que a ascensão Chinesa não será pacífica: "China is likely to try to dominate Asia the way the United States dominates the Western Hemisphere. Specifically, China will seek to maximize the Power gap between itself and its neighbors, especially Japan and Russia"⁹(MEARSHMEIMER, 2004, p.162)

A estratégia agressiva chinesa, segundo DORN, acarretaria uma reação por parte dos Estados Unidos, dado o seu histórico de determinação em se manter com o status quo de hegemonia global.

A tentativa norte-americana de isolamento e enfraquecimento da China e da Rússia culminou em uma parceria estratégica entre ambas. A organização da cooperação de Xangai, criada em 2001, foi um marco dessa nova política e que segundo Fiori (apud MAZAT e SERRANO, 2012, p .22) é "uma organização de cooperação política e militar que se propõe explicitamente ser um contrapeso aos EUA e às forças militares da OTAN".

Mas não só isso, as posições russas e chinesas confluentes em detrimento dos EUA podem ser evidenciadas diversas vezes na história contemporânea como na ONU, onde ambas se posicionaram contra várias resoluções a despeito das questões asiáticas, africanas e até mesmo nos casos atuais como da Ucrânia e Síria.

Vale ressaltar que, apesar de uma posição igualitária entre ambas as potências (Rússia e China) sobre a política externa americana, é de suma importância levantar que a posição russa é muito mais agressiva e menos cautelosa do que a chinesa e isso possivelmente se deve ao fato de que a primeira é menos interdependente financeira do que a segunda em relação aos Estados Unidos. Além da menor interdependência em relação aos Estados Unidos, existe a influência do revanchismo russo em sua política externa após a chegada de Vladimir Putin ao poder, o que permitiu uma intervenção direta na Crimeia em 2014 e uma influência grandiosa no conflito Sírio que perdura até os dias atuais.

Diante dessa nova configuração de poder, é pertinente dizer que a hegemonia norte-americana, devido a um grande número de razões, perdeu espaço e legitimidade na contemporaneidade. A visão unipolar é sobressaída por uma ótica multipolar, onde o oriente busca através do poder econômico e militar diminuir e resistir à esfera de ação do poderio dos EUA.

O estreitamento das relações políticas e econômicas entre China e Rússia, através de parcerias estratégicas, não somente promulgam novos tempos, mas oferecem um contrapeso enorme aos EUA e aos seus aliados que enfrentam, ao mesmo tempo, desafios econômicos agudos e ameaças de terrorismo em seus territórios nacionais.

Além disso, nesse cenário, a dependência econômica entre as duas maiores economias mundiais assegurará o que Leon Whyte chamará de Mutually Assured Economic Destruction¹⁰ baseando-se na tese central do livro "A grande ilusão" de Normann Angell onde o segundo autor expõe o mito de que as nações poderiam se beneficiar da guerra. Whyte argumentará que:

"According to a 2011 RAND study, conflict between the United States and China would likely lead to a global contraction greater than the one that occurred in 2008. For the United States, the economic losses would likely be even higher given the interdependent nature of the U.S.-Chinese economies. In 2014, total U.S.-China trade was worth \$592 billion, China was the United State's second largest trading partner, third largest export market, biggest source of imports, and the largest foreign holder of American debt, with \$1.24 trillion worth of U.S. Treasury bonds in December 2014"¹¹ (WHYTE, p.1, 2015).

ou se ele intervir nas relações entre a mesma e Taiwan. Washington está também apreensivo se o crescente aumento do poder econômico chinês será usado para sobressair os Estados Unidos como poder dominante na Ásia"(Trad.livre)

⁹ A China Provavelmente vai tentar dominar a Ásia do mesmo jeito que os Estados Unidos dominaram o hemisfério ocidental. Especificamente, a China vai tentar maximizar seu espaço de poder entre a mesma e seus vizinhos, especialmente o Japão e a Rússia". (Trad.livre)

¹⁰ Termo derivado da estratégia militar de Destruição mútua assegurada, demonstrada na guerra fria entre EUA e URSS, onde um conflito armado entre as mesmas potências acarretaria na total aniquilação das duas. O termo agora é aplicado no âmbito econômico.

¹¹ "De acordo com um estudo de 2011 feito pelo instituto Rand, um conflito entre os Estados Unidos e China acarretaria em uma contração global maior que a que aconteceu em 2008. Para os Estados Unidos, as perdas econômicas provavelmente seriam ainda maiores dado natureza interdependente entre ambos. Em 2014, o comercio entre EUA-CHINA valeu cerca de \$592 bilhões de dólares,

A guerra econômica, portanto, se torna uma ameaça real e um fator limitante para a ação de ambos hegemonos. Contudo, os países emergentes (em especial China e Rússia) começaram a criar mecanismos econômicos para contornar essa interdependência atual: o estabelecimento do acordo de Reservas e o Novo Banco de Desenvolvimento criado pelos BRICS em conjuntura com a criação da "nova rota da seda chinesa". A única certeza dessa nova conjuntura política-global é de que a: "substituição" de uma "região antiga"(a América do Norte) por uma "nova" (o leste asiático) como o centro mais dinâmico dos processos de acumulação de capital em escala mundial, já é uma realidade" (ARRIGHI, 1996, p.344).

5-CONCLUSÃO

As diferenças de poder e renda que foram concentrados nos EUA, no fim da segunda guerra mundial, deram o aval para o mesmo reorganizar, conforme seus próprios interesses, o sistema-mundo no pós-guerra. Mas diferentemente do passado (especificamente em 1919), o novo hegemom percebeu que não era possível ignorar os problemas dos países massacrados diretamente pelo conflito bélico, denominado segunda guerra mundial. Foi absolutamente necessário criar mecanismos que possibilitassem uma nova rodada de expansão material capitalista e, ao mesmo tempo, evitassem a influência e o poder da União Soviética. Sobre esse momento no pós-guerra, Bruno Hendlar afirma:

No momento do pós-guerra, quando a assimetria entre o *hegemon* e os demais Estados é maior, a grande potência abre mão de parte de suas vantagens no presente para "amarrar" o sistema de acordo com seus interesses e garantir ganhos futuros. Do outro lado, os Estados mais fracos obtêm benefícios imediatos no pós-guerra, geralmente em termos de segurança e reconstrução, em troca de compromissos e concessões futuros com o *hegemon* (HENDLER, 2012, p. 63 e 64).

Por sua vez Arrighi demonstrou como essa expansão material, provocou uma crise nos anos de 1960/1970 de retirada maciça do capital monetário do comércio e da produção, levando o sistema a uma nova fase de expansão financeira (ARRIGHI, 1996, p. 308-310), sinalizando uma crise no sistema capitalista daquela época. O resultado seriam as crises do Vietnã, o fim do Sistema de Bretton Woods e a revolução Iraniana. A resposta dessa crise veio com o Governo Reagan, responsável por uma política de expansão bélica contra a União Soviética e com a instituição de uma política de abertura de mercados global (neoliberalismo), junto com o chamado dólar flexível que deu um poder financeiro determinante aos EUA, permitindo ao mesmo "fazer o que quiser".

Por outro lado, essa política trouxe um viés para os EUA. Houve uma acentuação do processo de deslocamento do capital global para o leste asiático, primeiramente para o Japão e depois para a China. Essa agora se torna um adversário de peso a hegemonia norte-americana. Reagan se tornou um símbolo para o declínio e da total destruição do império soviético, mas, a vitória do antigo inimigo trouxe um preço econômico grandioso, amenizado com a política do dólar flexível. Em conjunto com o ciclo sistêmico americano, vale ressaltar, que a expansão do poder capitalista na história não veio somente com acúmulo de capital, mas também de expansão militar. Além de criação de uma série de estruturas político/financeiras que foram impostas para controlar o espaço global e legitimar as ações da potência hegemônica, como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e a Organização das Nações Unidas que, segundo ARRIGHI (1997, p. 68, 69), "conservaram muito de seu valor ideológico na legitimação da hegemonia norte-americana".

A questão da expansão financeira é mais do que um sinal de maturidade, é também um sinal de declínio. Arrighi demonstra através de exemplos históricos, como os casos britânico e holandês, que a expansão financeira é prelúdio de um declínio inevitável, mas protelável. No atual caso americano, sua hegemonia no campo produtivo já está abalada e em uma espiral de declínio considerável quase inevitável, sua última opção é o seu braço armado. As guerras do Golfo (1990-1991) e do Iraque (2003-2011) demonstram uma tentativa desesperada de manter sua supremacia pelo fato de que na ótica geopolítica atual, o controle da região do Oriente Médio proporciona uma grande parte do petróleo mundial. Já na Eurásia a integração de países como (Cazaquistão, Uzbequistão, etc) ao modelo norte americano (econômica de livre mercado, investimentos

China foi o segundo maior parceiro comercial, terceiro maior mercado exportador, maior fonte de importações e o maior detentor de títulos da dívida pública americanos, com um valor de \$1.24 trilhões de dólares em títulos em 2014" (Trad-Livre)

ocidentais), partem segundo BANDEIRA, (2013,P.65) da prioridade geopolítica de controlar as fontes de energia e as rotas de transporte do gás e do petróleo nesta região.

O Controle desse recurso energético tanto no oriente médio como na Eurásia é um: “Um meio conveniente de se contrapor a toda ameaça de mudança de poder, tanto econômico como militar – na economia Mundial” (HARVEY, 2005, p.69).

O poderio militar na ótica arrighiana funciona de maneira dicotômica no caso americano. Permite, de um lado, o controle de regiões de extremo valor estratégico, como bacias petrolíferas que são essenciais para a produção mundial, e de outro, acentuam sua fraqueza econômica (resultado do esforço de guerra). A maneira dicotômica do poderio militar norte-americano, mencionada há pouco, pôde ser observada, por exemplo, na década de 1980, por meio da expansão da dívida externa norte-americana, decorrente da prática do “Keynesianismo Militar” desenvolvido por Reagan.

Mesmo diante de uma perspectiva da existência de grande potencial de acentuação de conflitos, como em regiões de exploração petrolífera (Oriente Médio) e outros recursos não renováveis, como o gás (no leste europeu), é necessário ressaltar que há, em uma ótica global uma maior resistência ao avanço do imperialismo norte-americano. A perspectiva de Wallerstein conflui com essa ideia e ele ainda afirma que:

Há cinquenta anos, a hegemonia dos Estados Unidos no sistema-mundo baseava-se em uma combinação de eficiência produtiva que superava de longe a de qualquer rival, uma agenda de política mundial que era calorosamente apoiada por seus aliados na Europa e na Ásia, e uma superioridade militar. Hoje, a eficiência produtiva das empresas norte americanas enfrenta forte competição, principalmente por parte das empresas dos seus aliados mais próximos. A agenda política mundial dos Estados Unidos já não é tão calorosamente apoiada, e muitas vezes, é claramente contestada, mesmo por seus aliados, especialmente depois do desaparecimento da União Soviética. O que resta, no momento, é sua superioridade militar (WALLERSTEIN, 2004, apud COSTA p.44).

Curiosamente, é nesse momento em que movimentos como o Occupy Wall Street e organizações como o WikiLeaks e o Anonymous surgem em uma perspectiva de resistência á nova ordem mundial.

Apesar dos inúmeros crimes cometidos pela governança americana e seu sistema financeiro, devemos admitir que a liberdade de expressão desse país foi algumas vezes na história uma ferramenta limitadora do seu papel hegemônico imperialista (como aconteceu na guerra do Vietnã onde a pressão pública fez enorme pressão para o encerramento do conflito).

Para Noam Chomsky nenhum país do mundo protege a liberdade de expressão como os Estados Unidos¹². Então deveríamos considerar a hipótese de que a opinião pública deve ser um fator limitante para a ação imperialista norte-americana, Chomsky ainda irá afirmar que:

Estudos revelaram, no início de 2003, que o medo inspirado pelos Estados Unidos atingira picos impressionantes no mundo todo, juntamente com a desconfiança em sua liderança política. O menosprezo pelas necessidades e pelos direitos humanos elementares combinava-se uma demonstração de desdém pela democracia para o que não é fácil achar paralelos, tudo isso acompanhado de discursos abundantes em promessas de devoção aos direitos humanos e a democracia (CHOMSKY, 2004, apud COSTA, p.10).

Devemos esperar, portanto neste novo cenário global, uma reação agressiva dos Estados Unidos a essa perda de hegemonia e também de maior resistência global ao mesmo. Como em todas as transições hegemônicas expostas por ARRIGHI, nenhuma é pacífica.

Mesmo com a mudança de fluxo de capital do ocidente para o leste asiático, o poderio militar continua nas mãos dos norte-americanos e, inevitavelmente, a utilização da força bruta para a manutenção de seus próprios interesses é recorrente desde o fim da sua fase de expansão material no início de 1970. A força militar é o único elo que assegura de forma absoluta a hegemonia dos Estados Unidos. É de se esperar, portanto, um apelo a este último poder em uma tentativa desesperada de resgatar um império em ruínas.

¹² So, yes, the United States is a very free country, in fact it's the freest country in the world. I don't think freedom of speech, for example, is protected anywhere in the world as much as it is here. Chomsky, Noam. Entrevista por Vincent Navarro. <https://chomsky.info/20080718/> Acesso em: 08/10/2016

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: UNESP, 1996.

BANDEIRA, Luiz. **A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BRUSSI, Antônio. **Recorrência e evolução no capitalismo mundial: os ciclos de acumulação de Giovanni Arrighi**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011, pp. 383-409.

CHOMSKY, Noam. Entrevista por Vincent Navarro. <https://chomsky.info/20080718/> Acesso em: 08/10/2016

COSTA, Jales Dantas da. **Crise da hegemonia ou novo império norte-americano? Um confronto entre a economia política dos sistemas-mundo e a nova economia política do sistema mundial**./2005./ Dissertação (Mestrado em Economia) Universidade Federal de Santa Catarina / Florianópolis/

DORN, James A. **The Debt Threat: A Risk to U.S.–China Relations?** Brown Journal of World Affairs, Providence. 2008.

FUSER, Igor. **Energia e Relações Internacionais - Vol. 2 - Col. Relações Internacionais**.

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005

HENDLER, Bruno. **Ônus e bônus da Guerra ao Terror Custos para os EUA e ganhos relativos da China em tempos de mudança no sistema-mundo moderno**./2012./ Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) Universidade de Brasília / Brasília.

MAZAT, NUMA e SERRANO, Franklin. **A geopolítica das relações entre a Federação Russa e os EUA: da “cooperação” ao conflito**. Revista Oikos/ Vol. 11, No 1 (2012). Rio de Janeiro.

MEARSHEIMER, John J.. **‘China’s Unpeaceful Rise’**, *Current History*, Vol. 105, No. 690, 160–62. Chicago, 2006.

OLIVEIRA, ANA e FRANCO, Sâmia. **O Declínio hegemônico norte-americano e a ascensão de um sistema multipolar: sinais que vêm do Oriente**. Coleç. Meira Mattos, Rio de Janeiro, v. 10, n. 37, p. 7-16, jan./abr. 2016

SERRANO, Franklin. **Do ouro imóvel ao dólar flexível**. Economia e Sociedade, Campinas, v. 11, n. 2 (19), p. 237-253, jul./dez. 2002.

SPAREMBERGER, Cristian. **A transição hegemônica na política bilateral de propriedade intelectual entre Estados Unidos e China**./2014./Dissertação (Mestrado em relações internacionais) Universidade federal de santa catarina / Florianópolis/

WHYTE, Leon. **US-China: Mutually Assured Economic Destruction?**/thediomat.com / 2015. Acesso em: 09/10/2016.

<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2013/10/1355147-china-ultrapassa-os-eua-e-conquista-posto-de-maior-importador-de-petroleo-do-mundo.shtml> Acesso em 17/11/2016